

humanitas

Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

elogio do imperador e o considere como Divus — segue a tradição dos proémios latinos anteriores. A expressão «delubra gentis» é, sem dúvida, uma hipérbole poética, que parece predizer o que então era desejo de muitos: a construção do «Templum gentis Flaviae».

O autor prova que não se pode marcar com rigor absoluto a data da composição do poema. Limita-se a indicar o período de tempo compreendido entre os fins do reinado de Vespasiano e os anos imediatamente anteriores a 90 D. C. É uma solução cautelosa e preferível a outras que, apesar de brilhantes, não assentam em bases sólidas.

Desejamos que, de acordo com a promessa do autor, a esta obra se sigam outras igualmente úteis para uma melhor compreensão do poeta latino.

Maria Luiza Vianna Correia

D. Holwerda, Commentatio de vocis quae est $\Phi\Upsilon\Sigma I\Sigma$ vi atque usu praesertim in Graecitate Aristotele anteriore. Groningae, 1955.
Apud J. B. Wolters. VII + 142 pp.

A leitura desta obra deixou-nos duas impressões predominantes: a do escrupuloso e exaustivo trabalho a que o seu Autor se consagrou para no-la dar tal como é, e a do criterioso cuidado que presidiu à divisão e apresentação da matéria.

A primeira destas qualidades é documentada pelos numerosos trechos citados — quase 1.500 passos —, extraídos de obras da mais variada índole. Nomes menos familiares alternam com os dos vultos mais salientes da Literatura Grega, e é frequente depararem-se-nos também trechos de obras ou de fragmentos de obras anónimas, perfazendo um total de oitenta e nove fontes e autores consultados.

Quanto à segunda qualidade apontada — a do criterioso cuidado na divisão e apresentação da matéria — afigura-se-nos modelar a ordenação adoptada, primeiro porque o A. segue uma linha evolutiva sem descontinuidades, antes desenvolvendo-se gradativamente, graças aos tão numerosos como convincentes exemplos, entre os quais não raro se nos deparam subtilíssimas distinções de significado no emprego do vocábulo $\phi\nu\sigma\varsigma$; depois, pela valiosa contribuição dos dois índices relativos a passos citados pelo A. e onde se emprega ou não a palavra que serve de objecto ao seu estudo.

XVIII

Antes de entrarmos na análise da obra, detenhamo-nos um pouco nas palavras de John Burnet (in «Law and Nature in Greek Ethics») às quais D. Holwerda deu lugar de relevo, fazendo-as preceder o seu prefácio:

«... φύσις — a word very inadequately rendered by 'nature'...».

Também cita, seguidamente, palavras de Arthur O. Lovejoy (in «The Meaning of Φύσις in the Greek Physiologers») que refere o facto de Liddell e Scott darem doze tonalidades diferentes de sentido daquela palavra sem, no entanto, demarcarem «as linhas de distinção tão subtilmente como devem ser demarcadas».

Ora D. Holwerda vem dar com o seu trabalho um poderoso impulso na afeição da polivalência de significados da palavra φύσις. Vejamos como.

Logo no início do Prefácio o A. informa-nos de que data de 1918 um livro de John Walter Beardslee, «The Use of Φύσις in fifth-century Greek Literature (diss.)», do qual ele se serviu com proveito, embora discorde, nalguns aspectos, do seu A. Assim, se Beardslee fez depender do processo histórico, isto é, do factor cronológico, a amplitude de significações de um vocábulo como φύσις, Holwerda, admitindo embora «sem dúvida, que também as palavras têm a sua história» (p. 2), adverte-nos de que o escritor de uma época posterior pode nada acrescentar ao significado da palavra a qual, por seu lado, «mesmo sem se interpor o progresso da história», pode ter numerosos significados. Neste caso não é aconselhável o estudo dos escritores sucessivamente um por um, como empreendera Beardslee que, de certa maneira, fizera o estudo da história da palavra φύσις, acompanhando o seu emprego desde os mais antigos escritores gregos — Homero, Píndaro, Ésquilo — passando pelos filósofos que precederam Sócrates e pelos sofistas, pelos historiadores Heródoto e Tucídides, em seguida pelos poetas do séc. v A. C. até se deter em Platão e Aristóteles. Ora o A. do presente trabalho previne-nos de que não seguirá este método de estudo, como também especifica que vai «escrever sobre a palavra φύσις» e não vai apresentar «uma história da ideia da natureza na antiga Grécia»; para o fazer tornar-se-ia necessário investigar primeiro conscienciosamente as significações de φύσις que não exprime precisamente o mesmo que «natuur», «nature», «Natur»... Opina ser preferível proceder-se a um estudo comparativo do material literário legado por cada época atinente a cotejar «os passos semelhantes dos diversos autores», e ainda a dilucidar as relações de sentido entre as várias significações. Disto mesmo nos dá o próprio A. uma síntese, dizendo-nos: «vou escrever sobre a semasiologia preferivelmente a escrever sobre a semasiogonia da palavras φύσις».

Referindo-se a um outro autor que se dedicou ao mesmo tema — Patzer, que em 1940 publicou um livro intitulado «Physis, Grundlegung zu einer Geschichte des Wortes» — Holwerda desaprova simultaneamente a falta de síntese da sua obra e o método da sua argumentação apoiada em mera etimologia, equívoca, aliás, e partindo de uma opinião preconcebida. O nosso A. opõe esta atitude, por antagó-

nica, à que ele próprio adoptou, afirmando-nos ter subordinado as suas conclusões ao milhar e meio de passos citados e «atentamente meditados», fazendo, além disso, prevalecer um processo de trabalho e apreciação notoriamente sintético. E — sugestão digna de nota — convida o leitor, o estudioso, a «aprender dos próprios textos apresentados, não da sua boca»... Nesta ordem de ideias nos diz apresentar principalmente aqueles trechos em que a palavra *φύσις* ocupa um lugar intermédio entre duas acepções diferentes de sentido.

Numa rápida apreciação dos dois trabalhos citados que precederam o seu, Holwerda enaltece particularmente o facto de Beardslee entender que *φύσις*, nos tempos antigos, se deve talvez compreender como uma, «natureza isolada» em vez de «natureza em geral». No entanto nota que se subtraíram à atenção daquele estudioso vários cambiantes de significação como, por exemplo, os que ele, Holwerda, reunirá no capítulo III da sua obra, sob a aproximação genérica: *ΦΥΣΙΣ= EINAI*

Δ *OKEIN*. Quanto a Patzer, apresentando somente oitenta e cinco passos extraídos de autores anteriores a Aristóteles, tem uma bem parca matéria para possibilitar deduções seguras. Holwerda não adere, por exemplo, ao seu parecer de que «*φύσις* e *φύη* não significam o estado de *φύειν* e *φύεσθαι*».

Na sua obra «*Περί φύσεως. A Study of the conception of nature among the Pre-Socratics*» Heidegger teve um propósito claramente diferente do de Holwerda ao tentar «determinar ... a categoria do termo *φύσις* ... (no período pré-socrático) como índice da amplitude da concepção da natureza». Tal como Patzer, Heidegger imagina ser «*growth*» o principal significado de onde derivam os outros valores, de *φύσις*.

Thimme, na sua obra «*ΦΥΣΙΣ, ΤΡΟΠΟΣ, ΗΘΟΣ. Semasiologische Untersuchung über die Auffassung des menschlichen Wesens...*» observa a ordem histórica, como Beardslee, parecendo, no entanto, ignorar a obra deste, tal como sucede com um outro autor, Heinemann, a cuja obra — «*Nomos und Physis. Herkunft und Bedeutung einer Antithese im griechischen Denken des 5. Jahrhunderts*» — Holwerda não nega valor, apesar de lhe censurar o começar assim acerca da palavra *φύσις*: «O substantivo *φύσις* tem mantido sempre a sua original força verbal como «tornar-se», «crescer». Nota, contudo, que este autor suspeitou a relação existente entre *φύσις* e a noção de «verdade».

Passando a justificar o método seguido no seu trabalho, Holwerda diz-nos ter procurado «corrigir os erros e omissões de Beardslee», além de a sua preparação de cinco anos lhe ter permitido examinar muitos mais escritores do que aquele autor. Entre esses escritores avultam: Ésquines, Demóstenes, Di narco, Hipérides, Iseu, Isócrates, Licurgo, Lisias, os Cômicos e os Trágicos, fragmentos de Anacreonte, de Menandro e dos Órficos, Platão e Xenofonte, além de muitos textos de época

posterior, que lhe mereceram interesse, e dos escritos de Hipócrates, totalmente estudados. Ora diz-nos Holwerda que do estudo demorado de todos estes autores lhe adveio a surpresa, cada vez mais insistentemente confirmada, de a palavra *φνσις* corresponder frequentemente e em mui diversas acepções ao verbo «esse». Daí a tripartição de

το είναι (copulativo)

φνσις το είναι (absoluto)

το είναι = το δοκεῖν

significação a que crescem outras, como o A. demobstra (*φνειν* e *φνεσθαι*).

E, a terminar este prefácio que é simultâneamente uma síntese da sua obra, Holwerda insiste na dificuldade de interpretação de alguns dos passos que cita, não obstante se arregar cada vez mais no seu espírito a convicção de que as soluções que propõe são as mais válidas, e instrui o leitor acerca do modo mais eficaz de utilizar o seu livro.

Vejamos, de seguida, como distribui propriamente a matéria tão copiosamente acumulada e a que conclusões o leva a sua séria investigação. E, para darmos uma mais clara ideia do método adoptado e do modo como o A. interpretou o vasto material recolhido, indicaremos os títulos dos parágrafos componentes dos cinco capítulos que se sucedem ao prefácio.

CAPUT I (*ΦΥΣΙΣ = EINAI COPULATIVUM*)

§ 1 A *τό, τι ἐστιν*

§ 1 B *τό, ποιόν ἐστιν*

§ 1 C *τό, πόσον ἐστίν*

§ 1 D *τό, πηλίκον ἐστίν*

§ 2 A cum genitivo praedicati

§ 2 B cum adiectivo

§ 3 A definitio, notio

§ 3 B conditio

§ 3 C status

§ 3 D sors, fortuna

§ 3 E vitae ratio

§ 4 condiciones diversae

§ 5 A condicio humana : a condicione divina distinguitur

§ 5 B » » : a bestiarum condicione distinguitur

§ 5 C » » = mortalitas

§ 5 D » » = infirmitas

§ 6 A sensu concreto adhibita : collective (= genus)

§ 6 B » » » : individue

§ 6 C pudendum

§ 6 D menstrua

§ 7 A δύναμις

§ 7 B significatio (omen)

§ 8 facultates

§ 9 A vis interna

§ 9 B νόμφ opponitur

§ 9 C procreandi desiderium excitat

§ 9 D animi inclinatio, libido

§ 9 E φύσιν εχειν cum infinitivo coniunctum

§ 9 F φύσει

§ 9 G φύσις praeceptrix

§ 10 Sors

§ 11 A 'ipse⁵

§ 11 B iusta condicio

§ 11 C iusta positio

§ 11 D κατά φύσιν et παρά φύσιν

§ 12 A materies

§ 12 B compositio

§ 13 A forma

§ 13 B species

§ 13 C pulchritudo

§ 13 D genus

§ 13 E ratio, modus

§ 13 F statura; monstrum, massa, moles

§ 14 mores

§ 15 A significationum varietas

§ 15 B loci natura

§ 15 C caelum

§ 16 φύσει limitativum

CAPUT II (ΦΥΣΙΣ = EINAI ABSOLUTUM)

§ 1 ον (πώς) φύσιν εχει

§ 2 vita

§ 3 A sensu concreto collective adhibita (= rerum natura)

§ 3 B εν φύσει είναι

§ 3 C Natura

CAPUT III (ΦΥΣΙΣ — ΕΙΝΑΙ <—* ΔΟΚΕΙΝ)

- § 1 ἀλήθεια
- § 2 A dativus modalis φύσει (c. q. accusativus respectus φύσιν)
- § 2 B » » » : adiectivi instar adhibitus
- § 3 κατά φύσιν et παρά φύσιν
- § 4 A φύσει (c. q. κατά φύσιν) confirmative adhibitum
- § 4 B » » » » hypothetice »
- § 4 C » » » » concessive »
- § 4 D » intensive »
(apud adiectivum)
- § 4 E » intensive adhibitum
(apud substantivum)

CAPUT IV (DE VOCIS QUAE EST ΦΥΣΙΣ ETYMOLOGIA)

CAPUT V (ΦΥΣΙΣ, = ΦΥΕΙΝ = ΕΣΘΑΙ)

- § 1 A procreatio
- § 1 B proventus, natus
- § 1 C origo
- § 2 A radix
- § 2 B causa
- § 3 regio ex qua quis (-d) nascitur
- § 4 fetus

Completam a obra um índice *doù* passos recolhidos pelo A. onde ocorre a palavra *φυσίς*, um outro índice dos passos citados onde se não emprega aquele vocábulo e ainda dois índices, um das edições de que o A. se serviu, outro dos livros e dissertações citadas no seu trabalho.

Com larga cópia de trechos exemplificativos (pp. 8 a 75) leva-nos o A. a seguir, gradativamente, o emprego de *φύσις* em equivalência ao verbo *εἶναι*, empregado copulativamente, de harmonia com a ordem dada pelo índice do 1.º capítulo. Seria de interesse, cremos, podermos transcrever alguns dos trechos apresentados, especialmente os relativos a acepções de sentido ou mais fecundo ou mais raro na literatura Grega. Assim, por exemplo, salientando que os homens são inferiores aos deuses e que, portanto, não devem ensoberbecer-se, atraindo sobre si a tão calamitosa *ὑβρις* — ponto crucial na gênese da tragédia —, autores como Sófocles podem, naturalmente, robustecer o material exemplificativo do § 5 A *condicione*

humana: a condicione divina distinguitur. Também a Sófocles foi buscar um dos trechos que ilustram o emprego de *φνσις* no sentido de «vis interna» (§ 9 A):

..... *ἀλλὰ νουθετούμενοι*
φίλων ἐποδαῖς ἐξεπάδονται φνσιν.

Édipo em Colono, 1194

* Ora essa força íntima opõe-se, muitas vezes, às leis — aspecto cujo estudo serve de objectivo ao § 9 B. A antinomia *φνσις* — *νόμος* avulta, segundo Holwerda, principalmente nos sofistas. Digna de particular interesse se nos afigura ser a aproximação de *φνσις* a «pulchritudo» (§ 13 C), em paralelo, portanto, ao vocábulo latino «forma».

De interpretação mais obscura é, para Holwerda, o emprego de *φνσις* num sentido que ele classifica de limitativo (§ 16) com que termina o 1.º capítulo.

À aproximação do sentido de *φνσις* com o verbo *εἶναι*, empregado absolutamente, consagrou o A. o Capítulo II, para o qual carrou sensivelmente menos material literário mas, no entanto, suficiente para documentar os 5 diferentes valores encontrados. Entre estes inclui-se, finalmente, o que genericamente é atribuído a *φνσις*: *Natura*.

A transição do capítulo II para o III, onde o A. estabelece a aproximação $\Phi\Upsilon\Upsilon\Upsilon = \text{EINAI} \leftrightarrow \Delta \text{OKEIN}$, é feita mediante exemplos em que *φνσις* se emprega na acepção próxima do sentido de *το ον*, isto é, numa acepção concreta (Cap. II, § 3) mas onde adquire simultaneamente um cambiante diferente, pois de «id quod est» passa a significar «id quod revera est», como nota Holwerda. Valeria também a pena acompanhar pormenorizadamente o desenvolvimento do capítulo II, particularmente os parágrafos em que estuda os textos que incluiu nas séries «κατά φνσιν et παρά φνσιν», (§ 3) e «φνσει» nos seus vários empregos (§ 4).

Poder-se-á estranhar o facto de o A. ter intercalado a sua investigação etimológica de *φνσις* (cap. IV) entre os capítulos consagrados à compreensão dos seus vários sentidos. A ordem seguida explica-se:

1.º — O A. repartiu pelos três primeiros capítulos todo o vastíssimo material literário denunciador de um íntimo parentesco semântico entre *φνσις* e *το εἶναι*

2.º — O A. incluiu numa outra série todos os exemplos onde *φνσις* está relacionada com a significação de *φνειν, φνεσθαι*, isto é, onde transparece a noção «nascendi» (p. 104) e verifica serem muito menos frequentes os passos com esta significação.

Assim, a estabelecer nítida separação entre os dois valores fundamentalmente traduzíveis pela palavra *φνσις* — o de ser e o de tornar-se — interpôs o capítulo dedicado ao estudo etimológico da palavra. Para tanto, o A. revê o trabalho já

citado de Patzer e não adere à conclusão por este proposta que faz coincidir a raiz de *φύσις* com a dos verbos *φνειν φύεσθαι*; pela mesma razão discorda de Heidegger-Apoia, portanto, Burnet para o qual a significação primária de «growth», proposta por Heidegger, é «duvidosa», e estabelece distinção entre um verbo *φύομαι*, isto é, *φνίομαι*, de vogal longa, susceptível de exprimir «I grow» e uma raiz de vogal breve *φν-*, equivalente ao Latim *fu*. E, a propósito, Holwerda recorda que já Aristóteles estabelecera uma distinção paralela (p. 106) entre *φύσις* e *φνσις*. Nota que actualmente a investigação neste campo tem demonstrado que a raiz indo-europeia *bhu-* ora significa «esse», ora «fieri». E Holwerda termina partilhando sem restrições do parecer de Kirk (p. 108):

«Rather the truth is that at the ‘primitive’ stage of language there is no firm distinction between ‘become’ and ‘6e’».

E ainda (p. 109):

«The root *φν-* simply implies existence and the broad general sense of *φύσις*, from which all specialized senses are derived, is ‘essence’ or ‘nature’, the way a thing is made and, what is at times connected with this, the way it normally behaves. Aristotle’s various attempts at definition in *Metaphysics A* do not vitiate this view. In fact, passages in which *φύσις* must mean ‘becoming’ or ‘growth’ are very rare».

E esta investigação etimológica, ou antes a conclusão do A., explica a relativamente modesta utilização da palavra *φύσις* em sentido equivalente ao de *φύειν φύεσθαι*, que é o objecto do V e último capítulo (p. 110-116). No entanto foi possível estabelecer distinção entre sete diferentes acepções adentro daquela significação geral, como, pela reprodução do índice, já mostrámos.

Em conclusão: O A. demonstra-nos cabalmente, através de um excelente trabalho, cujo conhecimento reputamos de alto interesse para os estudiosos de Filologia Clássica, que, na verdade, *φύσις* é uma palavra muito inadequadamente traduzida por «natureza».

MARIA DE LOURDES FLOR DE OLIVEIRA

Gunnar Ranstrand, *Querolus sive Aulularia*. Acta Universitatis Gotoburgensis. Wettergren & Kerbers Förlag, Göteborg, 1951. IX+99 pp.

Trata-se da mais recente edição da comédia que autor desconhecido escreveu no séc. iv da nossa era. A tradição que atribui esta obra ao orador Áxio Paulo, amigo de Ausónio, goza de aceitação muito restrita.